

A GEOGRAFIA CIENTÍFICA E A GEOPOLÍTICA NO BRASIL: DUAS VOCAÇÕES

Universidade de São Paulo

Marcos Antônio Fávaro Martins

marcosfavaros84@gmail.com

Resumo

Este trabalho objetiva discutir como foi institucionalizado a Geopolítica no Brasil. Polemica por ter sido seara do pensamento militar brasileiro no século XX essa disciplina a poucas décadas é discutida com mais ênfase dentro da Universidade. Debateremos uma resposta para essa questão analisando os teóricos da Geopolítica Brasileira no entre guerras (1919-1939) buscando o paralelo entre as raízes da Geopolítica brasileira e as vocações da Geografia de que a universidade se ocupava.

Palavras Chaves: Geopolítica, Geografia Científica, História da Geografia, Mário Travassos.

INTRODUÇÃO

O problema desenvolvido neste artigo diz respeito à participação da Geografia brasileira na construção do pensamento geopolítico brasileiro. No Brasil a discussão sobre políticas territoriais estão presentes no ideário das elites desde o período colonial (MORAES, 1991), no século XX, o discurso geográfico-político ganha roupagem de cientificidade com chegada ao país da *Geopolítica* que é a doutrina científica de análise geográfica da política do Estado.

Para fins de estudo, assinala-se três períodos relativos a elaboração de um núcleo doutrinário da Geopolítica no Brasil. O primeiro deles - e objeto deste trabalho - se dá no período de entre-guerras e é marcado pela sua natureza fragmentada, autores dispersos e carência de núcleo de estudos avançados nesta área. Também é uma marca deste período a timidez da Geografia acadêmica em participar do debate geopolítico. Do imediato pós segunda guerra até idos de 1980 a produção

Geopolítica é praticamente monopolizada pela Escola Superior de Guerra (ESG) sendo nula a atividade acadêmica neste setor. A partir de 1980, inaugura-se uma nova fase, onde as ciências sociais brasileiras, e entre elas a Geografia incluem na sua lista de preocupações a Geopolítica.

As ciências sociais brasileiras de um modo geral pouco discutiram Geopolítica e estratégia até meados de 1990 (ALMEIDA MELLO, 1996, p.17), a pouca participação da universidade neste debate impediu a maior desenvolvimento acadêmico destas áreas como também ofereceu oportunidade para que as políticas territoriais do governo militar fosse pensada e operacionalizada por um grupo menor de indivíduos.

No caso específico da ciência geográfica, o argumento defendido aqui é que a Geografia que foi institucionalizada nas universidades brasileiras, de tradição francesa, pouco se interessou de início pela Geopolítica, esta que, nascida na escola alemã, encontrou no Brasil um terreno mais fértil entre intelectuais militares do que nos cursos universitários.

O que será apresentado é um esboço histórico que contempla a primeira metade do século XX como período de investigação, nossa preocupação será a de apresentar um problema sem a ambição de esgotar o assunto, tal pretensão certamente ultrapassaria os limites deste artigo. Dito isto concentraremos nossos esforços em explicar o contraponto entre duas “escolas” geográficas: a de tradição francesa, que foi a institucionalizada na universidade brasileira e a de tradição alemã matriz da Geopolítica difundida em alguns setores das elites brasileiras, principalmente pelo trabalho de Everaldo Backheuser. Lugar especial será dado à obra de Mário Travassos que, pode-se dizer, lançou as bases da grande estratégia brasileira para o continente sul americano no século XX.

O leitor encontrará um texto estruturado em três tópicos: o primeiro apresenta o grande esboço da Geopolítica Geral. Apresentando Ratzel e Kjellén como os pais fundadores desse ramo do conhecimento. Neste mesmo tópico tentaremos expor os paralelismos e controvérsias de idéias entre esses dois pensadores. Em seguida trataremos de mostrar o paradoxo entre as raízes da Geografia acadêmica brasileira e a Geopolítica para em seguida avaliarmos a importância da obra de Mário

Travassos.

UMA PRIMEIRA CONTROVÉRSIA: RATZEL E KJELLÉN FUNDAM A GEOPOLÍTICA

Estabelecer objetivos políticos com base no estudo das contingências geográficas é a utilidade da Geopolítica. Desde o início os estudiosos desta disciplina terão que trabalhar com conhecimentos produzidos pela Ciência Geográfica e noções fundamentais da Ciência Política, trata-se de um conhecimento interdisciplinar bastante enfatizado atualmente e que representava uma forma bastante avançada de raciocínio para o começo do século XX.

È certo que existem referências ao conhecimento geográfico nos escritos mais antigos que se tem nota sobre a prática política e militar, em espelhos de príncipe do final da idade média e chegam a ser um componente importante no conjunto de idéias de filósofos cujo exemplo mais conhecido é o de Montesquieu. Porém é com o final da etapa da Geografia dos descobrimentos no último quartel do século XIX é que pode-se desenvolver um raciocínio geopolítico abstrato eficiente e em escala global (MACKINDER, 1948).

O primeiro a desenvolver um método analítico geográfico e que arregimentou uma leva de seguidores foi do geógrafo alemão Friedrich Ratzel (1844-1904), este teórico - considerado o fundador da Geografia Humana - delega para a Geografia pensar o Estado sob o ponto de vista territorial. Ratzel desenvolve o método de avaliar o desenvolvimento espacial dos Estado a partir dos conceitos de espaço, posição e circulação, que deu origem a Geopolítica (COUTO E SILVA, 1981, p.64).

Paralela, porém não dissociada das teses ratzelianas estão as idéias do cientista político Rudolf Kjellén (1864-1922). Este autor pode ser considerado ao mesmo tempo um seguidor e um crítico das idéias de Ratzel (BACKHEUSER, 1952). Kjellén está interessado em uma nova organização da ciência política onde o Estado, obviamente focado como objeto de estudo, passa a ser interpretado pela sua dimensão geográfica (daí a razão de ser de uma *Geopolítica*), pela sua força econômica (da onde se origina uma *Ecopolítica*), populacional e racial (Demopolítica), coesão social

(*Sociopolítica*), e, como monopólio da violência legal (*Cratopolítica*). (BACKHEUSER, 1952).

A Geopolítica, no entender de Kjellén é ramo da Ciência Política e não da Geografia. Resulta daí uma divisão: e um lado ficam os geógrafos, seguidores de Ratzel e adeptos de uma Geografia Política, e de outro, autores que cientistas políticos - ou - não que defendem uma Geopolítica, independente institucionalmente da Geografia. Esta é a posição de Everaldo Backheuser. No prefácio de seu “Geopolítica geral e do Brasil” Backheuser afirma que:

Quando houver de ser generalizado no Brasil o ensino de Geopolítica, em que faculdade superior deverá ser inserida a respectiva cadeira? A resposta é simples: onde fôr feita a formação de estadistas, ou seja, portanto, nas faculdades de Ciências políticas. Em quatro outras não ficaria porém mal colocada: nas de direito, nas de engenharia, nos cursos de Geografia e História das Faculdades de Filosofia, bem como nas Escolas Técnicas de Estado Maior. (sic) (BACKHEUSER, 1952, P.7)

Backheuser é considerado o intelectual que introduziu a Geopolítica no Brasil. Engenheiro, este autor defende a autonomia da Geopolítica. Backheuser é uma figura chave na construção de um ideário nacional a partir da Geopolítica suas teses racistas eram bem aceitas pela sociedade da época, sendo o Boletim Geográfico do IBGE o maior veículo de difusão de suas idéias, ao mesmo tempo que geopolíticos brasileiros importantes como Lysias Rodrigues foram seus discípulos. Backheuser também funda a primeira cátedra de Geopolítica brasileira, instalada na faculdade de Direito da PUC do rio de Janeiro.

Com base nessa controvérsia entre Ratzel Kjellén nasce a distinção entre a Geografia Política e a Geopolítica. COUTO E SILVA (1981) fala de uma “*Geopolítica geográfica*” (feita por Geógrafos como Ratzel, Ancel e Hartshorne) e uma “*Geopolítica política*” (herdeira de Kjellén praticada por políticos e altos funcionários como Mahan, Mackinder e o próprio Couto e Silva). É essa *Geopolítica política* que vai fazer escola no Brasil.

A GEOPOLÍTICA DOS GENERAIS

A dicotomia Geografia Política X Geopolítica não se esgota por aí: ela é imprescindível, para entender os rumos tomados pelo pensamento geopolítico brasileiro. Porém, admitir que a diferença entre elas se restringe ao paralelismo de

seus pais fundadores simplificaria o problema de forma prematura. Aquele que desejar um estudo completo sobre essa questão encontrará boa leitura no excelente trabalho de Wanderley Messias da Costa “Geopolítica e Geografia Política” (1991).

A esse respeito ainda nos resta saber, apoiados pela autoridade de André Louiz Sanguin (1977) que enquanto a Geopolítica segue uma tradição ensaísta e de engajamento político inegavelmente maior, a Geografia política diversifica seus métodos e, principalmente nos Estados Unidos ganha disciplinas auxiliares como a Geografia administrativa e a Geografia Eleitoral (SAGUIN, 1977). Segundo este autor, na França a Geografia Política se desenvolve de forma tímida, tem suas contribuições com a Geografia Social de Vallaux e a Geografia Política de Jacques Ancel, mas não chega ganhar foro de discussão como aconteceu na Alemanha ou nos Estados Unidos. Esta pouca simpatia dos franceses pela Geografia política é em parte produto do ódio nacional entre Alemanha e França. A esse respeito, vale a pena lembrar as palavras de MARTIN (2007) que comenta a aceitação das idéias de Ratzel na França:

Não é preciso muito esforço para se imaginar o tipo de comoção que o mesmo provocou na intelectualidade francesa, notadamente na sua comunidade de geógrafos que então se estruturava, ainda mais que as lembranças da humilhação gaulesa diante dos exércitos prussianos após a guerra de 1870-1871, inda estavam muito frescas na memória dos que a tinham vivido. Assim a reserva da “escola francesa de geografia” ao mestre alemão não demoraram a se manifestar. Num artigo publicado em 1904, Jules Sion, considerado à época “mandarim” da geografia francesa, não hesitou em classificar o livro de Ratzel como sendo “um manual do imperialismo e uma geografia da guerra”. Daí por diante, enquanto os alemães radicalizavam a sua opção de tornarem a Geografia uma ciência política, uma espécie de bússola que servisse para orientar “cientificamente” a política exterior dos Estados, os franceses ao contrário, refugiaram-se cada vez mais numa perspectiva idiográfica, onde as monografias regionais onde as monografias regionais consumiram seus principais esforços. (MARTIN, 2007, p.10)

No Brasil a discussão geográfico-política consiste em interessante objeto de estudo. PETRONE (1979) relata que desde a implantação da colônia lusa na América a Geografia – mesmo sem ser institucionalizada - tem se comprometido com o projeto imperialista do Estado. Este mesmo autor informa que a Geografia instituída na universidade brasileira é de tradição francesa e, portanto de uma reduzida tradição em Geografia Política. É interessante assinalar que o curso da Universidade São Paulo, com nomes como Monbeig e Deffontaines também conta com Charles Morazé (1913 -2003) fundador da cátedra de Geografia Política nesta instituição e

autor de “*Les trois Âges du Brésil – Essai de politique*” (1954) e de uma série de mapas da geografia eleitoral brasileira (AZEVEDO, 1955, p. 48).

Já foi dito e vale repetir que mesmo na França a Geografia Política não consegue fazer escola até a segunda metade do século com Yves Lacoste (MARTIN, 2007). No Brasil, as grandes análises sobre o ordenamento territorial brasileiro assim como a projeção brasileira no continente e no mundo ficam a cargo dos seguidores da escola alemã, que não estão vinculados a Geografia acadêmica.

É em Aroldo de Azevedo (1910-1974) que podemos perceber a repulsa dos geógrafos brasileiros no que toca os assuntos da Geografia Política:

...em ambas estão presentes,- assinala Azevedo ao se referir a Geopolítica e a Geografia Política - de maneira sensivelmente predominante, a História e a Política, não restando quase nenhuma oportunidade para as investigações de caráter puramente geográfico. A paisagem - a paisagem que os geógrafos tanto apreciam, por ser o seu verdadeiro laboratório de pesquisas – passa a ser estudada das alturas, em amplas visões panorâmicas, no presente e no passado, através de considerações de caráter mais ou menos filosófico, fortemente imbuídas de pontos de vista puramente ideológicos e sob o inevitável signo das incertezas ou de remotas probabilidades...Não cometo qualquer tipo de exagero o fazer semelhantes afirmações. Em nenhum outro ramo da Geografia torna-se preciso tomar tantas cautelas; é como se estivéssemos percorrendo um campo de batalhas cheio de minas ou uma área repleta de fossos camuflados. Segue-se um determinado caminho, dentro da aparente lógica de um raciocínio ou guiado pela mão de um autor de responsabilidade; quando menos se espera, dá-se um passo em falso e...está se defendendo, sem o saber, o ponto de vista político de uma potência ou a ideologia de uma certa facção partidária, aleivosa ou disfarçadamente infiltrados em obras de caráter científico. (AZEVEDO, 1955, p. 43)

O artigo de Azevedo tem o título “*A Geografia a serviço da Política*” e certamente muito contribuiu para que a discussão geopolítica continuasse subdesenvolvida dentro dos cursos de Geografia brasileiros. No mais, a busca das certezas científicas e a pretensão de apresentar uma ciência a-politizada são marcas de sua época. Para assegurar essa “neutralidade” a crítica a Geografia política é imediata; ela certamente influenciou o desenvolvimento desse ramo da Geografia brasileira.

Azevedo repudia a tradição alemã iniciada por Ratzel e diz se sentir desconfortável em tratar do “menos geográfico” ramo da Geografia Humana (AZEVEDO,1955). Escrevendo em um dos mais importantes periódicos da Geografia o “*boletim paulista de Geografia*” do qual era diretor não é difícil estimar a influência deste texto para o desenvolvimento da Geografia Política dentro da Geografia Brasileira.

LUGAR E IMPORTÂNCIA DA OBRA DE MÁRIO TRAVASSOS

Tratar do pensamento geopolítico brasileiro implica em várias dificuldades, principalmente quando o que se quer é uma classificação de teorias ou delegar a um autor em específico o título de pioneiro. A consulta às pesquisas sobre a Geopolítica brasileira do começo do século XX nos revela que não existe um consenso sobre qual seria o primeiro geopolítico brasileiro, no entanto, é consenso entre os especialistas que o mais importante geopolítico deste período foi o oficial do exército brasileiro Mario Travassos (1891-1973) - (MARTIN,2007).

Conhecedor das teses de Ratzel Mário Travassos escreve em 1931 o livro “*Aspectos geográficos sul americanos*” republicado em sua segunda edição com o título “*Projeção continental do Brasil*” (1935) - seguramente o livro mais importante do pensamento geopolítico brasileiro.

Constituído de uma coletânea de ensaios o livro traz um elaborado raciocínio estratégico sobre as potencialidades da projeção continental brasileira que culmina com uma política de implantação de infra-estrutura viária em escala continental (ALMEIDA MELLO,1997). Em 1942 é publicado “introdução a Geografia das comunicações brasileiras” que trata do problema viatorial do território brasileiro que, nas palavras do próprio autor, consta ser “...*verdadeiro complemento à PROJEÇÃO CONTINENTAL DO BRASIL, por isso que ambos os ENSAIOS apenas diferem os pontos de observação*”(TRAVASSOS, 1942,p.21- grifo do autor).

Devemos situar a obra de Travassos em uma época em que a importância dos militares na esfera doméstica cresce de forma exponencial. É época do Estado varguista e os militares estão ainda aureolados pela mística dos levantes tenentistas da década de 20 (ALMEIDA MELLO, 1997, p 55). Segundo ROCHA

CORREA (1980), as idéias de Travassos começaram a ser postas em prática já no ano de 1938, com a construção da estrada Brasil-Bolívia pelo governo Vargas.

O Estado Novo – adverte Robert de Moraes - foi um período de intensa formulação oficial de políticas territoriais explícitas. Pode-se dizer que neste período foi criado (e territorializado) o próprio aparelho de Estado brasileiro. (MORAES, 1991, p. 172)

No plano internacional a política da boa vizinhança estadunidense ainda não havia se feito sentir e a obra do nosso autor ainda vive sob a sombra do *Big Stick* de Theodore Roosevelt. Em contraste aos geopolíticos do pós segunda guerra, Travassos é um anti-americanista e a prova maior disso é que o capítulo seis da projeção continental do Brasil trata da Influência imperialista dos Estados Unidos no Caribe e América do Sul (TRAVASSOS, 1935, p. 89 – 101).

Mas não é apenas a antipatia de Travassos pelos Estados Unidos que chama a atenção em sua obra. O livro de nosso autor pode ser mais bem analisado na escala sul-americana, no contexto de rivalidades entre o Brasil e a Argentina na bacia do Prata. A “*Projeção continental do Brasil*” é uma reação ao plano de comunicações platino, plano esse que articulou à Buenos as principais cidades do Paraguai, da Bolívia e do Chile (ALMEIDA MELLO, 1997). A preocupação do brasileiro está no papel geopolítico do plano viatorial portenho projetado no sentido de satelitizar os países mediterrâneos do continente levando a influência argentina para o *Heartland* sul-americano.

O raciocínio apresentado pelo livro é produto da interpretação feita pelo geopolítico brasileiro a cerca da posição ocupada do território brasileiro diante das duas características que segundo o autor dão substância aos aspectos geográficos-políticos do continente: o antagonismo entre o oceano Atlântico (nessa época o mais movimentado do mundo) e o oceano Pacífico e o antagonismo entre a bacia do platina e a bacia amazônica. Para o autor é de interesse geral dos países mediterrâneos do continente (Paraguai e Bolívia) e dos países que tem suas costas para o Pacífico (notadamente Peru e Chile) uma saída para o oceano Atlântico e, nesse caso, o território aparece como a via mais curto para esse objetivo.

Desta interpretação da geografia continental é proposta um plano de infra-estrutura rodo-ferroviária que desse acesso à Bolívia ao oceano Atlântico por

meio do porto de Santos e Bacia do rio Amazonas. Para Travassos os trilhos brasileiros deveriam articular o núcleo de poder boliviano formado pelas cidades de Cochabamba, Sucre e Santa Cruz De La Sierra (O triângulo estratégico no dizer do autor) e que permitisse ao Brasil levar sua influência até as costas do oceano Pacífico por meio das aberturas andinas (*Pasos e Nudos*). O que se vislumbra é a possibilidade de neutralizar a influencia argentina no interior do continente trazer pra a esfera de influencias brasileira Bolívia, Paraguai, Chile e Peru e induzir uma política de colonização para a porção noroeste do território brasileiro (TRAVASSOS, 1935).

Travassos preconiza a necessidade de adoção, pelos poderes públicos, de uma estratégia de integração política, econômica e demográfica (atenuador do vazio populacional) inserida, por sua vez, numa potenciação do papel dos portos marítimos como elementos integradores do conjunto continental. (FREITAS, 2004, p.17)

Segundo MEIRA MATTOS (1975), a “*Projeção continental do Brasil*” foi um dos livros brasileiros que mais teve traduções para o castelhano como também um dos livros que mais polêmica causou entre as elites dirigentes dos países fronteiriços do Brasil. No contexto da Geopolítica pensada e produzida no Brasil, as idéias de Mário Travassos sobre os fenômenos continentais sul americanos são aceitas com poucas modificações pelos geopolíticos do pós guerra; a Geografia científica da época nem estuda suas idéias nem contribui para o debate sobre uma estratégia brasileira alternativa para a política continental.

Algumas palavras ainda devem ser proferidas para contextualizar o autor e sua obra. Do ponto de vista estritamente teórico as idéias de Ratzel relativas à importância da extensão territorial, da posição geográfica assim como o papel da circulação para a vivificação do território do Estado permeia toda a obra de Mário Travassos e o nome do geógrafo alemão aparece nas referências bibliográficas do seu livro. Outro geopolítico que sem dúvida contribuiu com suas idéias foi o espanhol Carlos Badia Malagrida, este é o autor da primeira análise geopolítica da América Latina. Além deste autor, a pesquisa de SOUZA NETO (2005) informa com bastante propriedade que o plano de Mário Travassos não é o primeiro plano brasileiro de implantação de infra-estrutura no continente.

Tudo isso considerado não é difícil lançar como hipótese de trabalho que o papel de Mário Travassos é o de compilar planos viários que são de interesse

das elites brasileiras desde o século XIX com um arcabouço teórico que é essencialmente europeu.

Os trabalhos de Geopolítica de Mário Travassos datam o período de entre-guerras. No segundo pós guerra os militares brasileiros fundam um a Escola Superior de Guerra (ESG) concebida como núcleo de estudos avançados que vai ser o centro produtor da Geopolítica no período de Guerra fria. Apesar desta instituição fazer uso das idéias de Mário Travassos, este não faz parte de seus quadros iniciais. Golbery do Couto e Silva passa a ser considerado o Principal geopolítico brasileiro e o livro de Travassos nunca mais volta a ser reeditado (MARTIN, 2007). Seria frustrante terminar esse tópico sem questionar o ostracismo que foi submetido (ou que se auto submeteu) este autor. Começava o período da guerra fria e os esguianos defendiam um alinhamento estreito com a política externa estadunidense, motivo que serve como resposta provisória para o ostracismo de Mário Travassos e seu Livro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No espaço precedente procuramos levantar elementos que propiciassem uma discussão em torno do surgimento do pensamento geopolítico brasileiro. No caso brasileiro as discussões de Caráter geográfico política se manteve muito mais no âmbito das forças armadas, ficando bastante tímido a participação da academia, em especial da Geografia científica neste tema.

Esse desinteresse inicial, deliberado ou não foi responsável em parte pela ausência de debate entre cientistas e não cientistas sobre um tema imprescindível para o futuro do país. Trabalhos como o de Charles Morazé ou mesmo as discussões que Leo Waibel se envolveu sobre o sítio da capital federal foram residuais e não se comparam em ambição e a amplitude dos geopolíticos não geógrafos.

Como vimos, ainda falta um trabalho de maior envergadura que trate de forma sistematizada a rede de atores responsáveis pela “escola geopolítica brasileira”, ou seja, as ligações pessoais e intelectuais que ligam nomes como o de Mário Travassos e Everaldo Backheuser a fundação da Escola Superior de Guerra, berço dos geopolíticos que monopolizaram esse conhecimento nos anos de guerra fria. Até onde conseguimos discutir, fica claro que nesse período de “chegada” da

Geopolítica europeia ao Brasil, a Geografia científica brasileira estava muito mais preocupada em estudos regionais do território brasileiro do que a análises de escala continental e global que caracterizou a Geopolítica de influência germânica.

Seria injusto encerrar sem mencionar o esforço que se tem feito nas últimas décadas para superar essa lacuna no setor acadêmico no que toca a Geopolítica. Com a queda do muro de Berlim e o termino da ditadura militar no Brasil, pesquisadores tanto geógrafos como cientistas políticos vem realizando um esforço notável tanto no que diz respeito a retomada crítica do que foi produzido pela Geopolítica dos generais como na elaboração de análises próprias sobre a inserção do Brasil na América Latina e no mundo. Nesta nova fase destacam-se os cientistas políticos Shiguenoli Miyamoto, Leonel Itaussu de Almeida Mello e os geógrafos André Roberto Martin, Wanderley Messias da Costa e Bertha Becker, a diversidade de assuntos tratados bem como a boa qualidade das pesquisas revelam que a lacuna deixada não apenas pela Geografia como pelas sociais brasileiras está sendo completada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida MELLO. Leonel Itaussu. **A Geopolítica do Brasil e a bacia do Prata**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas. 1997.

_____. **Argentina e Brasil; A balança de poder no cone sul**. São Paulo: Annablume, 1996.

AZEVEDO, Aroldo de. A Geografia a Serviço da Política. In: **Boletim paulista de Geografia**, N21, São Paulo, 1955. (p. 42 – 68)

BACKHEUSER, Everaldo. **A Geopolítica geral e do Brasil**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1952.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica - Discursos sobre o território e o poder**. São Paulo: Edusp, 1992.

Couto e Silva, Golbery do. **Conjuntura política nacional o poder Executivo & Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. 2º Ed.

FREITAS, Jorge Manoel da Costa. **A escola geopolítica brasileira**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2004.

MACKINDER, Halford J. El pivote geografico de La Historia. In: RATTENBACH, Augusto Benjamín. **Antologia geopolítica**. Buenos Aires: Editorial Pleamar, 1948.

_____. O mundo redondo e a conquista da paz. In: **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro: IBGE, n118, p. 80-84, 1954.

MALAGRIDA, Carlos Badia. **El factor geográfico en la política sudamericana**. 2 ed, Madri: Instituto editorial Reus, 1946.

MARTIN, André Roberto. **Brasil, Geopolítica e Poder Mundial – o anti-Golbery**. 2007.118p. Tese (Tese de livre docência em Geografia Humana), Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MEIRA MATTOS, Carlos. **Brasil Geopolítica e destino**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Notas sobre a identidade nacional e a institucionalização da Geografia no Brasil. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, V4, N 08, p.166-176, 1991.

MORAES, Antônio Carlos Robert (org.), **Ratzel**. São Paulo: Ática, 1990.

PETRONE, Pasquale. Geografia Humana. In: FERRI, Mário e MOTOYAMA, Shozo. **História das Ciências no Brasil**. 3V. São Paulo: EDU/EDUS, 1979. (p. 303-330).

RATZEL, Friedrich. O solo a sociedade e o Estado. **Revista do Departamento de Geografia**. São Paulo. Nº 02, 1983.

Rocha Correa, Paulo Henrique da. O Brasil e os caminhos para o oceano pacífico. **A defesa nacional; Revista de assuntos militares e estudo de problemas brasileiros**. Rio de Janeiro, Ano LXVII, Nº 689, p. 127 – 133, Mai/jun – 1980.

SANGUIN, André Louis. A evolução e renovação da Geografia Política. **Boletim geográfico**. Rio de Janeiro Nº 252, Vol. 35, Janeiro/ Março, 1977.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes., **Planos para o império: os planos de viação do segundo reinado**. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em Geografia humana. Departamento de Geografia – Universidade de São Paulo).

_____. Os ventos do norte não movem moinhos. In: **Boletim Goiano de Geografia**, N 28, v. 2 Goiânia:IESA, 2008. (P.15- 32).

Travassos, Mário. **Projeção continental do Brasil**. São Paulo: Companhia editora nacional, 1935.

_____. **Introdução à Geografia das comunicações Brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1942.

Shilling, Paulo R. **O expansionismo brasileiro; A Geopolítica do General Golbery e a diplomacia do Itamarati**. São Paulo: Global Editora, 1981.